

Btca MYM  
Folheto AmM  
1462

# VISAGENS, ASSOMBRAÇÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA

3ª  
EDIÇÃO

Nº 02 • ANO I • R\$ 4,00



• A Freira  
da Praia  
de Marudá  
(MARAPANIM-PA)

• A lara do  
Rio Santana  
(CAMETÁ-PA)

• O Casamento  
(CAPANEMA-PA)

• A Velha Belízia  
(MOSQUEIRO-PA)

• Encontro com  
o Curupira  
(PARINTINS-AM)

**MAIS:**

- Visagens no Carnaval

**WALCYR MONTEIRO**

560-39592  
-14600-



Walcyr Monteiro  
no traço de João Bento



*Walcyr Monteiro*

"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

mm  
1462

Banca de Revista

# News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS  
E CARTÕES DE CRÉDITO

**IGUATEMI - 1º Piso**

Telefone: (091) 250-5338

**IGUATEMI - 3º Piso**

Telefone: (091) 250-5574

Abrimos aos domingos e feriados

Procure nas bancas!



A forma  
bonita  
de nos  
conhecer



**Quando viajar por via fluvial, não jogue garrafas,  
latas e outros detritos no rio.**

**Vamos preservar o meio ambiente! Afinal, o rio não é lixeira...**

**O Boto, a Cobra Grande, a lara e demais seres  
encantados e viventes aquáticos agradecem!**

## Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia - Nº 02

1ª Edição: 1998 • 2ª edição: 2000 • 3ª Edição: 2000

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das Histórias: Márcio Pinho • Capa: Augusto Henrique (com ilustrações de Márcio Pinho e João Bento) • Digitação: Maria Corrêa e Lourdes Souza • Revisão: Paulo Maués Corrêa

Editoração Eletrônica: Augusto Henrique • Revisão: Paulo Maués Corrêa • Impressão: Smith -

Produções Gráficas Ltda. • Correspondências: Caixa Postal 1563 - Belém-PA - CEP: 66017-970

Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br



## Bate-papo com o leitor

A receptividade do nº 1 de *"Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia"* foi muito além do esperado. Ali, dizia que dependeria muito dos leitores a sua continuação. E a resposta positiva, as opiniões recebidas, as críticas construtivas, o apoio de colégios que inclusive adotaram para trabalhos escolares, tudo isto possibilitou a saída deste número dois. Mais ainda: o livro *"Visagens e Assombrações de Belém"*, fulcro inicial de todo este trabalho, acabou virando tema de escola de samba (leia, "Visagens no Carnaval: Mocidade Botafoguense", à página 24). Bem, aqui estou de novo, desta vez trazendo inclusive uma história do Amazonas. É pretensão publicar histórias de toda a Amazônia Clássica (Acre, Rondônia, Roraima, Amazonas, Amapá e Pará), além de outros assuntos intrigantes da Região, cujas seções serão publicadas nos números vindouros. E para que isto aconteça, é necessário continuar contando com seu inestimável apoio, amigo leitor, de quem esperamos também conhecer a opinião. Não deixe de escrever, telefonar, enfim, manter contato sob qualquer forma. Sua opinião é muito importante e preciso conhecê-la. Até o nº 3, Deus querendo!

Walcyr Monteiro

# Deu no jornal...!

Belém, quinta-feira, 12 de março de 1987

## Repórter 70

### ASSOMBRAÇÕES

Início, com a publicação do número 2 de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia", a seção **Deu no Jornal...!**, na qual transcreverei "in totum", ou, na impossibilidade, uma síntese de noticiários de jornais sobre fatos fantasmagóricos, visagentos, assombrosos ou ainda de encantamentos e mistérios amazônicos. Sempre que possível, haverá *fac-símile* da matéria. E para começar, ao lado, a notícia do Repórter 70, de O Liberal, de 12 de março de 1987. Pergunta-se: será que, pelo fato noticiado, os governadores não quiseram mais residir no palacete governamental, tendo mesmo mudado a residência dos governantes para o Icuí?

A família do governador Jader Barbalho, na iminência de deixar o palacete residencial dos governadores, mudando-se para o Hotel Equatorial, vai ficar livre de noites mal dormidas porque, no Palacete, não tem faltado quem esteja ouvindo, à noite, ruídos de geladeira sendo aberta, barulho de livros caindo ou outros sinais de assombrações. Há mesmo quem, mais antigo na casa, tenha visto um vulto sentado em uma cadeira de balanço, a embalar-se em um dos pátios, logo identificando-o com o governador Fernando Guilhon, que tinha esse hábito quando ocupou o Palacete.

As assombrações no Palacete da Magalhães Barata seriam habituais em toda a mudança de governo. Alacid Nunes contou histórias semelhantes a Jader quando este o substituiu, histórias que teriam sido antes contadas por Jarbas Passarinho, que já foi, igualmente, um dos inquilinos do Palacete.

# A Freira da Praia de Marudá



D. Marciana Pinto Maia , mais conhecida por D. Márcia, nasceu e vive até hoje em Marudá, onde é muito conhecida. D. Márcia sabe das coisas e conhece muitas histórias, dentre as quais a que estou narrando.

- Era de noite, quase à meia noite.

Minha cunhada e o marido iam andando pela praia de Marudá, quando tiveram a impressão de estarem sendo seguidos. Pensaram que era só impressão, mas minha cunhada, ao olhar "pelo rabo do olho", divisou aquele vulto de mulher, todo de branco. Pelos trajés - um hábito - viu logo que se tratava de uma freira, que fazia sinais para ela, manifestando querer falar. Quando minha cunhada firmou a vista, olhando fixamente a aparição, ela desapareceu... Minha cunhada assustou-se com isto, mas não chegou a ter medo! Assustar, assustou-se porque não é todo dia que se vê alguém desaparecer diante de sua vista...

Na hora que ela viu a freira, pensou quem poderia ser e o que estaria fazendo sozinha, cerca de meia-noite, andando pela praia! Pensou consigo mesma: - Mas aqui em Marudá não tem freira! Como é que pode já esta freira aparecer aqui, a uma hora desta?

No dia seguinte contou aos amigos e conhecidos o fato e veio a saber que aquilo já acontecera com muita gente. Não havia um dia certo na semana: podia ser segunda-feira, quarta-feira ou qualquer outro, mas a hora era sempre a mesma: meia-noite! As pessoas que por alguma precisão ou mesmo que ficassem se divertindo até tarde na praia veriam aquela estranha cena: ao aproximar-se da meia-noite, uma freira com hábito branco, um véu igualmente branco, andando pela praia e às vezes tentando falar com quem a enxergasse...

Depois dos moradores muito pensarem, chegaram a conclusão que a freira de branco da praia de Marudá era o espírito de uma religiosa catequista que havia morrido afogada alguns anos antes...

Houve, entre as pessoas que viram a freira, uma mais corajosa que perguntou o que ela desejava.

- Se for viva, fala! E se for morta, a mesma coisa: fala, diga o que quer. Se morreu com algum problema e não disse nada, se morreu na maré e não teve tempo de falar, diga o que quer. Diga, que eu não tenho medo. Se é reza, pode pedir que a gente reza, como também se for outra coisa, pode dizer...!

De repente a freira sumiu, sem nada responder, nem dizer se queria alguma coisa... E a mesma coisa aconteceu outras vezes: ela não fazia mal a ninguém, não metia medo, e, embora parecendo que algumas vezes queria falar, nunca chegou a fazê-lo...

Depois disto, as pessoas que a encontravam ou que, à noite, à meia-noite, divisavam um vulto branco a andar suavemente pela areia já sabiam do que se tratava: era o espírito andante da freira da Praia de Marudá!



# A Iara do Rio Santana

A lenda da Iara é uma das mais famosas e conhecidas, não somente da planície amazônica, mas também fora de seus limites. De diversas maneiras já foi contada a história da bela mulher que vive no fundo dos rios e,



quando se agrada de algum rapaz, magnetiza-o com seu maravilhoso canto, levando-o consigo. A lenda já narrada pelos índios é repetida de boca em boca pelos caboclos e sempre atualizada, com um novo encantamento. Quando o rapaz não desaparece no fundo dos rios, geralmente é acometido de forte febre e tem alucinações, onde lhe aparece a Iara, com quem fala. Porém sempre os casos narrados são de uma pessoa que nunca está presente. Por isto, destaca-se a narração de Raimundo Martins Maia, que foi o próprio personagem do encontro com uma Iara.

Há vários anos, Raimundo, que era fotógrafo profissional em Belém, foi tomar banho no Rio Santana, Município de Cametá. Era fase de lua cheia. Estava no porto do Benedito Alemão e eram cerca de 18 horas. Quando ia entrar n'água, apareceu no fundo do rio uma luz lindíssima, que veio subindo aos poucos, até chegar à tona.

Ao fixar a vista na luz, Raimundo viu então que emanava da testa de uma moça muito bela, a qual suavemente emergiu o corpo pela metade deixando-o pasmado pela nudez com que se apresentou e pela beleza de suas formas. Raimundo não sabe explicar o que mais o atraía: se a beleza de seu corpo ou a luz que trazia na testa. Mas, segundo afirma, foi para segurar a luz que jogou-se em cima da moça desnuda.

É a última coisa que consegue lembrar. Daí em diante, por mais que se esforce, por mais que exija da memória, não sabe de mais nada! Raimundo passou quatro dias desaparecido. Foi procurado em todos os lugares da redondeza, e nada. Ao fim do quarto dia, quando os moradores já estavam desesperançados de encontrá-lo, apareceu num igarapé, afluente do Rio Santana. Estava desmaiado, metade do corpo dentro d'água. Foi retirado dali e deram-lhe um banho. Então coisas estranhas começaram a ocorrer com Raimundo.

Ormino Contente aplicou-lhe uma injeção e o líquido voltou; Benedito Porretada, achando que era coisa de "encosto", fez orações, benzendo-o com um terço, porém não pôde continuar, alegando não agüentar devido a "coisa" ser muito forte. Porretada teve até que pedir para ser levado em casa.

Reunidos parentes e amigos, chegaram à conclusão que deviam levá-lo para a casa de uma "experiente". Foi escolhida, por suas qualidades e fama de infalível, a "experiente" Mangabeira Dona Flor.

Dona Flor morava um pouco distante e teriam de ir de montaria. No meio da viagem, defronte à Ilha do Bode, Raimundo pulou n'água. É necessário salientar que não sabia nadar. Pularam atrás dele e, depois de muito custo, conseguiram jogar uma tarrafa, amarrando-o fortemente. E nestas condições Raimundo fez o resto da viagem até o porto de Dona Flor. Ao chegar, a "experiente" deu um banho de ervas. Raimundo dormiu o dia inteiro.

Foi então realizada uma sessão umbandista, na qual manifestou-se o espírito de um marujo dizendo para tratarem do moço, que ele, marujo, não podia fazer nem dizer nada. Após esta manifestação, baixou o índio Mundurucu, afirmando que queriam levar Raimundo para o fundo. Depois veio o filho do índio Mundurucu alegando que ali nada poderia ser feito. Raimundo deveria ir a uma tenda onde o "aparelho" fosse homem, e não mulher, como ocorria ali. Raimundo foi levado para Tucuruí, numa viagem bastante acidentada, onde, em outra reunião umbandista, veio o caboclo João da Mata, aconselhando a levá-lo em novas sessões, até o número de sete. Dali Raimundo foi enviado para Conceição do Araguaia. Foi defumado com casca de umiri, tendo, neste momento, pela primeira vez, voltado à consciência. Sentou, abriu os olhos, tendo então enxergado a mesma moça do Rio Santana, irradiando a mesma luz da testa. Tentou agarrá-la, mas ela fugia. Seguraram-no com um gancho de puxar cacau, desmaiando em seguida. Voltou a si, desmaiando de novo. Raimundo foi levado a vários "experientes", até chegar ao Estado do Maranhão. Lá curaram-no, não lembrando-se ele de nenhum acontecimento posterior à visão da Iara do Rio Santana, a não ser da própria moça na sessão de umbanda.

Raimundo ficou totalmente bom. Mas não pode, afirma ele, aproximar-se de rio ou igarapé, principalmente em fase de lua cheia... Tem vontade de se jogar n'água para encontrar novamente a Iara com sua inexcedível beleza...

# O Casamento

- Flora, queres casar comigo?

A pergunta já era esperada, depois de quase três anos de namoro. Mesmo assim foi com profunda emoção que a escutou. E foi emocionada, com a voz embargada, que respondeu:

- Sim, meu amor. Sabes muito bem que este é o meu maior desejo.

O jovem casal de namorados permaneceu ali, na praça, trocando carinhos e juras de amor. Relembrou como se tinham conhecido, a simpatia recíproca, a atração mútua, o primeiro encontro, os passeios, enfim, o que havia sido suas vidas nos últimos tempos. Samuel, vinte e um anos, era um rapaz trabalhador e ajudava o pai, desde criança, na compra e revenda de produtos agrícolas. A experiência adquirida já lhe permitia, sem o auxílio do pai, escolher e comprar mercadorias, dar preços e realizar transações, que aos poucos iam lhe dando autonomia financeira. Até o momento em que o pai, não sem certo orgulho, disse que podia organizar seu próprio negócio, pois já estava "maduro" para isto. Passados alguns meses, sentiu-se seguro e em condições de dar o passo em direção ao casamento. Flora tinha 19 anos, cursava o segundo grau e já era excelente dona-de-casa, em função do aprendizado com a mãe. Cozinhava bem, preparava mesmo certos quitutes e até ganhava um dinheirinho com isto, quando recebia encomendas para aniversários, batizados e outros festejos. Costurava também, o que permitia complementar o que ganhava com as iguarias. E Samuel e Flora ficaram naquele dia fazendo planos para o futuro casamento, que desejavam o mais breve possível.

O tempo foi passando. Ambos economizando tudo o que podiam, com vistas ao novo lar que pretendiam construir. A união era bem vista pelos pais, que também ajudavam, principalmente os pais de Flora, na preparação do enxoval. Correram os proclamas, foram distribuídos convites aos parentes e amigos e todos esperavam ansiosamente o dia do casamento.

Vinte dias antes da data marcada, eis que Flora repentinamente adoece. Ninguém sabia o que era e, depois de muitos chás e outros remédios caseiros ensinados pelas comadres e demais parentes de sua mãe, resolveram chamar um médico.

O esculápio examinou atenta e minuciosamente, nada encontrando, além de testemunhar que a jovem definhava dia a dia, sem uma causa aparente. Exames foram solicitados em caráter de urgência, e, após chegarem, o médico continuava sem diagnóstico. Receitou uns fortificantes, aos quais os familiares acrescentaram outros, de origem caseira, inclusive o famoso "leite do Amapá", que levantava até defunto. Mas, de balde! Flora enfraquecia cada vez mais, ante o olhar incrédulo de Samuel. O rapaz estava desesperado, vendo a noiva extinguir-se aos poucos, sem nada poder fazer. Passava horas e horas ao lado da rede de Flora, procurando dar força e coragem para enfrentar a enfermidade desconhecida, que ia lhe tirando a vida. Samuel desdobrava-se em atenções, levava pequenas lembranças e frutas para sua amada, que agradecia com um leve sorriso nos lábios. A data do casamento estava próxima e já todos sabiam que não mais ia se realizar, pelo estado em que a noiva se encontrava. Apenas Samuel achava que, como por milagre, Flora levantaria de uma hora para outra e iriam finalmente concretizar o seu sonho.

Dois dias antes do casamento, a moça chama Samuel para junto de si:

- Samuca, quero te desobrigar do compromisso...
- Que é isto, meu bem? Vais ficar boa e nós vamos casar. Não vai ser depois de amanhã, mas será em outro dia. Quando estiveres boa, marcaremos nova data e

pronto. Verás que isto tudo que está acontecendo é apenas um sonho mau. Temos toda uma vida pela frente!

O rapaz havia falado com grande convicção, que Flora até riu de seu arroubo, mas foi calma e resignadamente que falou.

- Tu (destacou bem o tu) tens toda uma vida pela frente. Eu, não. Eu vou morrer e sei disto. E já sei há algum tempo. Não quis falar a ninguém para não tentarem me animar e gastar as palavras em vão. O nosso sonho de amor não vai se concretizar. É por isto que estou te desobrigando...

- Mas, o que que é isto, Florazinha? Pelo amor de Deus! Me conheces muito bem, sabes que és o meu único amor, a única mulher de minha vida e...

- Está bem, está bem, Samuca. Mas não podes casar com uma morta e eu vou morrer. Sinto que vou morrer e não vai demorar. E se te desobriço é porque não quero que tenhas qualquer tipo de remorso quando encontrares outra mulher...

- Não fala mais! Não diz mais nada. Não sabes o que estás dizendo. Estás delirando... Olha, Florazinha, eu te amo, só a ti eu amarei, não haverá nenhuma outra mulher na minha vida, mesmo que possa te acontecer alguma coisa, o que não vai ocorrer. Vais ficar boa e nos casaremos.

- E por favor, não diz mais nada...

- Bem, Samuquinha, eu agradeço toda a atenção que tens me dado. Tu tens sido muito bom para mim e não poderias ser melhor. Porém, mais uma vez te digo: estás desobrigado de qualquer compromisso comigo e podes casar com quem quiseres...

- Chega, chega, Flora, de falar bobagem! Já disse que te amo e não haverá outra mulher na minha vida. Eu juro, minha querida, juro que na minha cabeça e no meu coração só há e só haverá lugar para ti. E não fala mais nada...

Flora sorriu. Um sorriso triste, um sorriso de despedida... Pouco depois morria, deixando Samuel inconsolável. Parentes e amigos presentes ao enterro viram o

rapaz transtornado, debruçado ao caixão, dizer repetidas vezes: - Eu te amo. Viverás sempre em minha mente e em meu coração...

Os dias que se seguiram ao enterro de Flora foram terríveis para Samuel. Parecia obsecado pela imagem da moça, vivia falando nela e no amor eterno que devotaria à sua lembrança...

O tempo, porém, cura todas as mazelas e feridas sentimentais. E não poderia ser diferente com Samuel, que estava em pleno vigor da juventude.

Passados dois anos, conheceu Violeta, morena muito simpática e bem feita de corpo, que aos poucos foi conquistando o rapaz e este foi sucumbido aos seus encantos. Vez em quando lembrava Flora, ora sorrindo nos passeios que faziam, ora em seus braços trocando juras de amor, ora ainda às vésperas de morrer, desobrigando-o do compromisso assumido... Mas lembrava muito pouco, e cada vez menos, do compromisso de amá-la eternamente... As lembranças foram ficando vagas em sua memória, tanto mais vagas quanto mais crescia o seu interesse por Violeta, até sumirem totalmente...

- Queres casar comigo?

Violeta sorriu radiante. Esperava ardentemente este pedido, após dois anos de namoro. Feito o pedido à família da moça, foi o casamento marcado. Tudo sem muitas delongas, até porque os negócios de Samuel iam muito bem e ele já tinha casa montada e tudo o mais necessário ao dito popular que "quem casa, faz casa"...

O casamento de Samuel despertou uma certa curiosidade. Quase todos lembravam o noivado com Flora e o seu desfecho trágico, sem falar nas promessas do rapaz... Evitavam, porém, comentários, a fim de não constrange-lo e muito menos a Violeta.

Finalmente, chegou o dia do casamento. Violeta estava linda vestida de noiva, despertando as atenções gerais. A cerimônia foi realizada normalmente, até o momento em que...

Logo depois do "sim" dos noivos e da fala do padre "eu os declaro marido e mulher", quando se prepararam para a tradicional fotografia defronte do altar, Violeta repentinamente sentiu-se mal. Empalideceu e, após o espocar do "flash" da máquina fotográfica, desmaiou, provocando grande correria na igreja...

Revelada a foto dos noivos no altar, entre eles, porém mais próximo a Samuel, via-se nitidamente o rosto de Flora, como a lembrar do juramento de amor eterno, e de que ela viveria, sempre, em sua mente e em seu coração...!





# A Velha Belízia

Belízia era o nome dela. Era sempre me dizia: - "Olha, qualquer dia desses vais apanhar de Matinta Perera...!"

E eu respondia: - "Não vou apanhar, não! Eu não vou mexer com ela".

E assim o tempo ia passando. A velha Belízia dizendo que eu ia apanhar e eu dizendo que não, pois não mexia com nenhuma Matinta Perera...

Quem assim vai falando é Djalma Nogueira dos Santos, mais conhecido por DD, velho morador do Mosqueiro, onde trabalha como ca-seiro e que foi o narrador da história anterior.

- Em certo dia, à boca da noite, caiu uma chuva pros lados do Chapéu Virado e eu corri para casa de um amigo meu para esperar que passasse. Seriam umas 9 horas quando estiou e eu resolvi ir embora. Aí ele me deu um pedaço de pau para me proteger, dizendo que eu segurasse na mão, pois pela vizinhança tinham uns cachorros muito brabos.

Eu ia do Chapéu Virado para a Estrada do Natal do Murubira. Saí da casa do amigo, e tinha uns vinte metros que eu ia andando, quando ouvi a bicha (a Matinta Perera) assobiar na minha frente. Aquilo parece que me levantou. E eu disse comigo mesmo: - "Ó, meu Deus, será que é hoje?"

A noite escura, não se via nada e davam aqueles relâmpagos a assustar mais ainda. E eu ouvia aqueles assobios, ora a minha frente, ora atrás de mim. Eram uns assobios fortes:

- Firifififiuuuu...

Continuei andando, e os assobios me seguindo. De vez em quando ela adorava:

- Firifififiu... Firifififiuuuu...

E assim continuamos, eu andando, ela me seguindo e assobiando, até mesmo passando a casa dela. Depois aquilo se afastou e eu fiquei tranqüilo. Deixei passar o tempo... Não assobiou mais. Não ouvi mais nada. Aí retomei meu caminho. No que me afastei da casa de meu tio e peguei o caminho de casa, os assobios recomeçaram e aí é que ela assobiou forte e eu fiquei apavorado. Mas também foi só aquilo. Quando ouvi de novo, o assobio já estava longe...

Cheguei sem mais problemas em casa, onde encontrei meu pai esperando por mim.

- Olha, ela não vinha junto contigo?

Eu disse: - Desde lá de fora. Era uma hora atrás, ou hora na frente.

Ela não te surrou porque ela te conhece. Mas ela está te amedrontando. Te conhece, senão tu tinhas apanhado. Mas se tu continuares, vai acabar apanhando...

E eu falei!: - Não, não vou apanhar porque eu não vou mais.

Aí eu não saí mais à noite, só de dia. Quando dava umas sete horas eu já vinha m'embora pra casa, porque eu fiquei com medo desta história toda...

O tempo passou. Anos mais tarde eu me casei e lá um belo dia



D. Belízia encontra minha mulher e pede uns galhos de hortelanzinho para fazer um chá, pois ela estava com dor de barriga. Minha mulher disse que nós não tínhamos. Pra quê? D. Belízia foi dizendo:

O que que não tem? Ainda esta noite eu estive lá e vi que teu marido tem um canteiro cheio de hortelã e tu me dizendo que não tem.

Aí minha mulher disse: - então, se é que tem, vá lá apanhar...

E D. Belízia saiu resmungando: - Ora, dizendo que não tem. Se esta noite eu estive lá...

Minha mulher quando chegou me contou. E aí eu disse pra ela que toda noite realmente eu ouvia a Matinta Perera assobiar no meu quintal. Pois era ela, a D. Belízia! Sim, senhor, era ela, a sem vergonha!

E DD continua dizendo que aquela Matinta Perera se transformava em vários bichos: podia ser um porco, um cachorro, um cavalo, uma galinha cheia de pintos. E quando duvidavam dela ou com ela mexiam, ela surrava as pessoas que apanhavam e não sabiam nem de onde era... Ela só se transformava em galinha cheia de pinto quando estava acuada... Pois aí as pessoas viam aquilo e não achavam que podia ser a Matinta Pereira, mas era ela mesma! Ela fazia muitas maldades com as pessoas, malinava mesmo. Ano depois D. Belízia morreu. Dizem que deixou sua herança e de Matinta para uma sobrinha... Eu não sei, porque logo depois eu me mudei... Mas dizem que a sobrinha continuou, pois que nos anos que se seguiram, ouvia-se por aquelas redondezas ao chegar da noite:

Firifififiuu... Firifififiuu...

# Encontro com o Curupira

Você já ouviu falar de Curupira? Não? Pois fique sabendo que Curupira é a "Mãe do Mato", respeitado em todo Brasil e, particularmente, na Amazônia. Embora denominado "mãe", geralmente é referido na forma masculina: "o" Curupira. É considerado a "mãe do mato" porque é tido como o grande defensor das florestas, protegendo aqueles que vivem em harmonia com a natureza, dela extraindo o suficiente para o seu sustento, quer em termos de caça, quer se tratando de derrubar árvores para construir sua casa e suas necessidades ou ainda para fazer o seu roçado, ou seja, plantar o necessário para o seu sustento e de outros. Se, porém, o indivíduo caça além da conta, se maltrata animais, se derruba a floresta sem necessidade, o Curupira então persegue de muitas maneiras...

D. Nazaré da Silva Pina, amazonense de Parintins, é quem conta esta história, que se passou há mais de sessenta anos. Ela morava com os pais e os irmãos na Serra de Parintins, onde viviam do extrativismo e da agricultura. No roçado plantavam mandioca, macaxera, manicuera, milho, cana de açúcar, bananeiras, etc. Quando não trabalhavam no cultivo do roçado, extraíam os produtos da floresta, ou então caçavam, mas apenas para suas necessidades. Procuravam, de todas as maneiras, respeitar a Natureza e seguir as leis do Curupira. Por isso mesmo é que ficaram surpresos quando... Não, assim estou me adiantando na história. Vamos, pois, deixar que D. Nazaré conte como se passou.

"Nosso roçado era muito grande e nele trabalhavam todos os membros da minha família: meus pais, meus irmãos e cunhados. Entre estes, havia um, de nome Ulis-

ses, que era um rapaz muito trabalhador. Numa tarde, estávamos todos nós para um lado do roçado, e Ulisses, sozinho, estava trabalhando noutra local, um pouco distante. Eram cerca de seis horas da tarde quando ouvimos gritos de socorro. A voz não enganava: era de Ulisses. Corremos na direção dos gritos e ali encontramos Ulisses apavorado, sem conseguir sair de onde se encontrava. Mal conseguia falar. Quando pôde dizer alguma coisa, contou que estava trabalhando, quando sentiu como que uma presença perto de si. Ao olhar em torno, deu com aquele caboclinho bem perto. Espantou-se. Mais ainda porque não ouvira nenhum sinal de sua aproximação. Entretanto o caboclinho estava ali, a olhá-lo atentamente. Todo nu, o corpo moreno parecia feito de lascas de madeira marrom, como se fosse uma proteção...

Neste momento, Ulisses quis se mexer e não conseguiu. Sentiu-se estontear e pareceu ter perdido a noção do lugar, como se não soubesse onde estava... Foi quando começou a gritar. Ele não viu que direção tomou o caboclinho, só que quando chegamos não encontramos ninguém ali... Às 6 horas da tarde, no mato, fica tudo escuro como se fosse noite. Mas Ulisses afirmou que havia se encontrado com o Curupira. Não soube dizer porque sentiu tanto medo, até porque o caboclinho não lhe fez mal nenhum. Como disse antes, sempre vivemos de bem com a Natureza e a respeitamos e por isso mesmo estávamos surpresos. Mas a verdade é que Ulisses ficou apavorado...

Começamos a fazer perguntas, como era o Curupira, porque embora nós sentíssemos sua presença, nunca nenhum de nós o tinha visto. Só ouvíamos as histórias, inclusive de suas mundiações, quando fazia os caçadores se perderem no mato...

Ulisses respondia a todas as perguntas: dizia que era um curumim (menino), um caboclinho mesmo, que estava nu, que seu corpo parecia de pequenas placas de alguma coisa como se fosse madeira de cor marrom... Quando perguntávamos se tinha mesmo os pés virados para trás, Ulisses ria e não respondia nem que sim, nem que não... Mas ele levou um grande susto. A história se espalhou pela Serra de Parintins e durante muito tempo se falou no encontro com o Curupira..."

E D. Nazaré concluiu dizendo "- A única dúvida que ficou foi sobre os pés. Todo mundo diz que o Curupira tem os pés voltados para trás. Mas toda vez que perguntávamos, ele desconversava, ria e não respondia "sim" nem "não" ...!"



# Visagens no Carnaval: Mocidade Botafoguense



Walcyr Monteiro, cercado de belas matintas pereras, no carro abre-alas da Associação Carnavalesca Mocidade Botafoguense



No carnaval deste ano, uma surpresa: Visagens e Assombrações de Belém invadiram a passarela da Doca de Souza Franco e conquistaram o título de vice-campeã para a Associação Carnavalesca Mocidade Botafoguense. Explica-se: esta agremiação, seguindo uma tradição de valorizar as coisas regionais, na palavra de seu presidente Marcelo Farias, escolheu como tema "Cruz Credo", baseado no livro "Visagens e Assombrações de Belém", do escritor Walcyr Monteiro, que inclusive desfilou no carro abre-alas, cercado por cinco bonitas matintas pereras. O jornal "O Liberal", do dia 25 de fevereiro, registrou o fato no noticiário sobre o desfile das escolas do Grupo B, da seguinte maneira: "O público voltou a ver um desfile harmonioso com a chegada da Mocidade Botafoguense. Este ano a escola escolheu o enredo "Cruz Credo" para montar um desfile em homenagem ao escritor paraense Walcyr Monteiro, destaque do carro abre-alas. Entra na Doca o mundo das assombrações, visagens e fantasmas de Belém".

### VICE-CAMPEÃ

Com cerca de setecentos brincantes, a Mocidade Botafoguense, que disputou com mais onze agremiações, viu o seu esforço premiado conquistando o título de vice-campeã. De parabéns o presidente Marcelo Farias, o vice-presidente José Carlos Oliveira Moreira, a diretoria e demais integrantes da agremiação.



Bela sambista ornamentava o carro alegórico "Mãe d'Água"

## LETRA DO SAMBA-TEMA

De autoria dos carnavalescos Ossian-  
dro Brito e Eduardo Brito, a letra do  
samba-tema da Mocidade Botafoguense  
é a seguinte:

Guardadas na memória  
vou contar estórias  
de horror...  
o medo se manifesta  
no meio da festa  
trazendo pavor

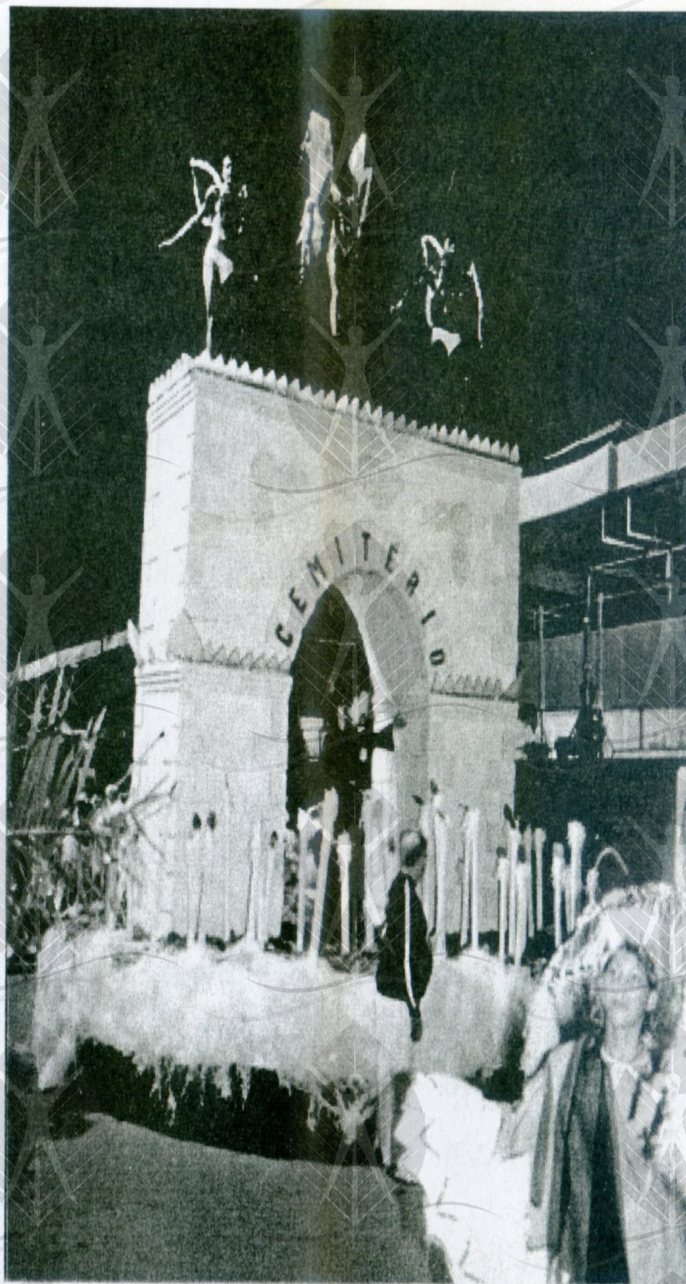
A mistura das raças  
crenças, manifestações  
perpetuando as lendas  
de visagens e assombrações

} bis

Matinta perera assobiou  
querendo tabaco pedir  
cruz credo Mocidade  
o Lobisomem vem aí

} bis

Mãe d'água  
a serpente coral  
rainha guardiã  
do manancial  
meu índio caboclo  
me cura, me livra do mal  
diz uma voz do além  
ouro tem  
na botija no quintal



*O portão do Cemitério da Soledade virou  
carro-alegórico... É a criatividade do carnavalesco  
Paulo Sérgio Campos de Melo,  
cuja engenhosidade produziu um lindo visual*

É sexta-feira 13  
meu amor  
meia-noite lua cheia  
a mocidade faz terror

} bis



**S • M • I • T • H**

**PRODUÇÕES GRÁFICAS LTDA**

E-mail: [smithprd@brhs.com.br](mailto:smithprd@brhs.com.br)

• **Editoração  
Eletrônica**

• **Livros**

• **Revistas**

• **Jornais**

• **Impressos  
em Geral**



**(91) 231 • 4908**

**Ligue e Peça seu orçamento  
sem compromisso!**

**Av. Pedro Álvares Cabral, 55 C/ Av. Dalva  
CEP: 66613-150 - Marambaia • Belém • Pará**

# ISTO NÃO É LENDA!



**É o resultado da aplicação dos recursos do FNO!**



**BANCO DA  
AMAZÔNIA**

*O primeiro e único banco da Amazônia*



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA